

Fernando Crosara Vieira Ázara

**Historiografia e pesquisa na História Indígena do
período colonial: uma análise de periódicos científicos
(2001-2018)**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao
Departamento de História da Universidade de
Brasília para obtenção do grau de licenciado em
História.

Orientador: Prof. Dr. Jonas Wilson Pegoraro

Brasília, 2023

Historiografia e pesquisa na História Indígena do período colonial: uma análise de periódicos científicos (2001-2018)

Resumo:

O estudo se propõe trabalhar os periódicos que abordam a temática indígena ao longo do período colonial no Brasil. Portanto, essa investigação busca compreender de maneira eficaz como se deu a historiografia produzida entre os anos 2001 e 2018 do século XXI. Assim, foi realizada uma pesquisa quantitativa de periódicos científicos dos programas de graduação e pós-graduação em História, no Brasil. Nessa primeira análise exploratória das potencialidades e dos primeiros resultados obtidos, pretende-se traçar um panorama da história ameríndia.

Palavras-chave: História Ameríndia, América Portuguesa, História da Historiografia.

Abstract:

The study proposes to work with journals that address indigenous issues throughout the colonial period in Brazil. Therefore, this investigation seeks to effectively understand how the historiography produced between 2001 and 2018 of the 21st century took place. Thus, a quantitative survey of scientific journals of undergraduate and graduate programs in History in Brazil was carried out. In this first exploratory analysis of the potentialities and the first results obtained, it is intended to outline an overview of Amerindian history.

Keywords: Amerindian History, Portuguese America, History of Historiography.

Introdução

A narrativa do processo de colonização na América portuguesa partiu, durante muito tempo, predominante do “olhar europeu”. Com oferta numerosa de documentação, a construção argumentativa do período colonial foi organizada em torno de um protagonista – o europeu, e dois coadjuvantes – o ameríndio e o africano.

Essa construção político-imaginária pode ser encontrada desde os cronistas do próprio período colonial e persiste, mesmo com diversas novas perspectivas e abordagens, até a contemporaneidade (CORRÊA, D., 2006; CUNHA, M. C., da. 1990).

Logo, falar de uma historiografia ameríndia tomando o recorte temporal proposto para esta pesquisa, ou seja, o período colonial brasileiro, é essencial para uma compreensão da complexidade das relações e para possibilitar a visibilidade de questões e fatos antes apagados ou ignorados deliberadamente pela literatura dominante (ALMEIDA, M. R. de., 2017; CUNHA, M. C. da., 1992)¹.

Nesse íterim, a década de 1990 foi determinante para a consolidar uma historiografia preocupada com as questões indígenas (ALMEIDA, M R de., 2017; CAVALCANTE, T., 2011). Entretanto, é no início do século XXI, com o crescimento exponencial dos programas de pós-graduação e criação de novas revistas científicas que as contribuições para uma historiografia ameríndia se multiplicaram (OLIVEIRA, M. da G. de; GONTIJO, R., 2016).

A realidade é que este trabalho observa duas grandezas que se relacionam. De um lado, uma historiografia ameríndia relativamente recente que está em processo de delimitar seu campo interpretativo. De outro, a análise de uma produção historiográfica através de artigos encontrados em periódicos.

Nesse sentido, a pesquisa que aqui se desenvolveu e que constituiu esse artigo vem na esteira de uma “mudança historiográfica” que se tem como marco o início do século XXI, na qual diversas questões de representação e “formas de olhar” as fontes foram revistas, na emergência de vozes antes silenciadas ou “deixadas de lado” pela historiografia nacional.

De fato, o estudo faz parte de uma pesquisa mais ampla coordenada pelo docente Jonas W. Pegoraro do Departamento de História da Universidade de Brasília, com o título “Pesquisas em História Moderna e Colonial: uma análise de periódicos científicos (2001-2020)”. Dentro desta ampla pesquisa o recorte aqui proposto é refletir sobre os caminhos tomados pela historiografia que se dedicou a temática ameríndia produzida entre os anos de 2001 e 2018. Rastreamento os artigos científicos brasileiros foi feito um amplo levan-

¹ Por outro lado, é importante frisar que a História Ameríndia não é derivada, muito menos restrita, ao recorte proposto, ela possui sujeitos históricos próprios (ALMEIDA, M. R. de, 2017).

tamento para termos dados quantitativos de como a abordagem teórico-metodológica sobre os ameríndios estão sendo aplicadas na construção do pensamento histórico.

Portanto, a pesquisa tem como característica primeira seu ineditismo, principalmente quanto ao modelo de trabalho estabelecido para se pensar estudos ameríndios no período colonial e pode revelar tendências, paradigmas, desafios e novas perspectivas no enriquecimento do campo (VARELLA, F., 2018).

Assim, a intenção deste artigo é ponderar coletivamente sobre o cenário construído pelos dados gerais encontrados até o momento. E como potencialidade, a construção de “heranças bibliográficas” que produzem matrizes epistemológicas através das redes sociais formadas pelas orientações acadêmicas (PEGORARO, J., Inédito). Assim, as revistas científicas ligadas aos programas de graduação e pós-graduação em História são território propício para a investigação dessas questões.

Revisão bibliográfica

A partir do encontro dos portugueses com os povos nativos da América do Sul, em que “realidades distintas se misturaram e causaram espanto” (OLIVEIRA, J. P. de, 2014), tornou-se urgente e necessária a tentativa de compreender o “outro” dentro de suas respectivas cosmologias (CORRÊA, D., 2006).

A imagem do ameríndio oscilou entre a ingenuidade – descrita por Pero Vaz de Caminha – e a violência antropofágica despropositada – registrada por Hans Staden ou Américo Vespúcio – em meio a uma suposta geografia de grandes vazios demográficos (CUNHA, M. C. da. 1990). Tratava-se de caricaturas intencionais de uma realidade muito mais complexa, que atuaram para “justificar práticas e discursos de dominação” (CORRÊA, D., 2006; OLIVEIRA, J. P. de, 2014).

Contudo, apenas nos locais onde europeus e indígenas tiveram interações construtivas as colônias prosperaram, afinal, foram os recém-chegados que se adicionaram à dinâmica cultural e histórica ameríndia (CORRÊA, D., 2006). Seja nos aldeamentos religiosos, na formação de vilas, nas relações de trabalho, nas coalizões de guerra ou no trato entre elites nativas e coloniais, está nítida a imprescindibilidade de uma história que compreenda esses fenômenos com a lente própria de uma cosmologia indígena (ALMEIDA, M R de, 2017).

A colonização foi um processo adaptativo e complexo, cujos modelos e práticas se sucediam, de acordo com as necessidades e contingências (OLIVEIRA, J. P.

de, 2014). Os dois primeiros séculos de colônia foram marcados por relações multiétnicas, caracterizadas pela flexibilidade e mobilidade próprias das populações fronteiriças (VAINFAS, R., 2007).

Pensar propostas para historiografias ameríndias na América portuguesa surge da quebra de uma epistemologia eurocêntrica que dominou o fazer historiográfico e das demais ciências humanas até a “virada cultural” da década de 1980 (DE OLIVEIRA, M. da G.; GONTIJO, R.; FRANZINI, F., 2018)².

Já na década de 1990, com movimentos de “descolonização”, diferentes povos tomaram o protagonismo na história escrita em várias geografias, historiadores africanos passaram a produzir uma historiografia do próprio continente, o que forçou os paradigmas antes estabelecidos a se adaptarem e se reposicionarem diante de uma construção teórica-conceitualêmica (TELES, L., 2012).

O primeiro grande desafio, normalmente apontado, dessa proposta é a documentação. Pois, os povos que habitavam as terras baixas do subcontinente não possuíam cultura escrita. Assim, as principais fontes utilizadas para estudar os ameríndios durante o século XVI – ou anteriormente – são os textos deixados por cronistas de diferentes nacionalidades que tiveram algum contato com os nativos (HEMMING, J., 2004).

As imagens apresentadas por esses cronistas apresentam um contato e troca intensos entre ameríndios e europeus que passaram a ocupar, compartilhar e disputar áreas em comum, seja pelo espanto, interesse, curiosidade ou necessidade que levaram à essas interações. Entretanto, os mesmos cronistas acabaram por dissociar as populações ameríndias do espaço geográfico que ocupavam, criando uma falsa impressão de “territórios virgens”. Enquanto a realidade era de dificuldade de se estabelecerem quando encontravam nativos hostís nos territórios ocupados (CORRÊA, D., 2006).

Estes relatos permitem um vislumbre da realidade e das interações entre ameríndios e europeus, assim como permitem interpretar que, na prática, os colonos que precisavam compreender, assimilar e conviver com os nativos e sua cultura-histórica já constituída (CORRÊA, D., 2006). Conquanto, a diversidade sociocultural ameríndia não chega a ser toda coberta pelas fontes, porém, há registros importantes que permitem

² Afinal, nos séculos XIX e primeira metade do XX, cada povo e sua cultura foram distribuídos em uma lógica instrumentalista e de exploração, a partir do centro da modernidade, a Europa (DE OLIVEIRA, M. da G.; GONTIJO, R.; FRANZINI, F. 2018; SANTOS, T., 2023).

identificar tanto uma história ameríndia própria como uma história ameríndia em interação com os europeus.

Entretanto, é possível produzir uma historiografia ameríndia na paisagem das terras baixas sul-americanas de 1500, através de uma análise crítica das fontes disponíveis (HEMMING, J., 2004).

Não se nega que a própria escrita de uma “historiografia ameríndia” tem elementos “ocidentais”, assim como o recorte “américa colonial portuguesa”, todavia é possível “indigenizar” essa escrita histórica na construção de novas bases epistêmicas (CAVALCANTE, T., 2011).

Concomitantemente, contribuições da arqueologia (CUNHA, M. C. da, 1992), da antropologia, da etno-história e das tradições orais, antes descartadas em nome de um “rigor científico”, podem proporcionar um terreno fértil para história ameríndia sedimentada segundo sua compreensão como sujeito histórico-dialético (CAVALCANTE, T., 2011). Ou seja, a representação do passado, enquanto discurso, também como ambiente legítimo e de disputa (ALMEIDA, M. R. de, 2017).

Nesse sentido, pode-se vislumbrar um benefício imediato. Ficará mais evidente para a sociedade que os povos indígenas não devem e nem conseguem ser como seus antepassados. Possuem historicidade próprias, com culturas de caráter dinâmico e diverso, ponto essencial para a compreensão dos direitos indígenas e da luta para assegurá-los (ALMEIDA, M. R. de, 2017; CAVALCANTE, T., 2011).

Metodologia

Considerando o exposto, a pesquisa envolveu a investigação de artigos publicados sobre História Ameríndia durante o período colonial em periódicos científicos. Para tanto, foi realizado um levantamento de dados com o fluxo de produção acadêmica sobre a mencionada temática entre os anos de 2001 e 2018. Também foram consideradas as trajetórias acadêmicas de autores(as) e os temas mais tratados nas pesquisas, possibilitando reconhecer padrões e inclinações gerais, além de identificar gênero, nacionalidade, programas de pós-graduação, orientação acadêmica, grau de formação, entre outras características dos autores.

Porém, como dito anteriormente, não se trata de um processo metodológico isolado, já que se insere em uma dimensão maior que se comunica transversalmente com

potenciais objetos e perspectivas de estudos. Por conseguinte, o modelo de trabalho estabelecido mostra-se inédito para área. Logo, os dados catalogados possuem a potencialidade de revelarem tendências, paradigmas, desafios e novas problemáticas para o campo da história.

Em vista disso, a delimitação do quadro quantitativo sobre a historiografia recente da história tem sua importância na questão de possibilitar análises que partem, por exemplo, do “Como?”, “Por quem?”, “Para o quê?” e “Em que sentido?” foi desenvolvido o debate na área. Essas oportunidades de análise partem de uma proposta que visa um olhar original e de futuras reflexões sobre a produção historiográfica ameríndia. Portanto, trata-se de traçar um panorama de identificação de correntes e diálogos historiográficos e as relações destes com a bibliografia referencial da produção de artigos científicos nas revistas utilizadas (GIL, T.; BARLETA, L., 2015). Ou seja, o reconhecimento e determinação de continuidades, rupturas e padrões nos estudos desse recorte temático.

Enquanto pesquisa, o levantamento estatístico coloca-se como central para desenvolver uma descrição quantitativa e numérica do objeto de estudo (FLOYD, J. e FOWLER, J., 2011). Através da catalogação de artigos em revistas pode-se conferir uma análise profícua sobre perfis, modelos utilizados e tendências em curso no ensino superior (RAMOS, M. e CARVALHO, H., 2009).

Utilizando categorias padronizadas é possível uma comparação de informações que permitem a produção de redes de interações e itinerários formativos comuns entre os autores (FLOYD, J. e FOWLER, J., 2011). Logo, o método quantitativo tem qualidades úteis à proposta, pois a partir dele se possibilita a visualização de panoramas gerais sobre o recorte estudado. Nesse sentido, a análise quantitativa é uma das perspectivas possíveis a se lançar sobre esse trabalho acadêmico (GIL, T.; BARLETA, L., 2015).

Considerando a necessidade de delimitar o escopo de investigação (BENTO, A., 2012), como critério objetivo, as revistas de graduação e pós-graduação em História, atingiram a amostra pertinente (FLICK, U., 2004). Uma vez que representam uma radiografia dos agentes e temas que são pesquisados sobre determinado assunto, ou seja, o presente historiográfico (AVELAR, A., 2018). Pois permitirá selecionar os casos típicos dentro da amostragem (FLICK, U., 2004).

Do mesmo modo, será possível identificar correntes e diálogos historiográficos e as relações destes com a bibliografia referencial da produção de artigos científicos

nas revistas utilizadas (GIL, T.; BARLETA, L., 2015). Ou seja, o reconhecimento e determinação de continuidades, rupturas e padrões nos estudos desse recorte temático (ADAMI, A. L., 2019).

O desenvolvimento de uma pesquisa que analisa as características dos autores e de uma historiografia específica pretende complementar e contribuir para uma visão mais ampla dos processos e características desse campo de estudos (GIL, T.; BARLETA, L., 2015; PEGORARO, J., - Inédito). O recorte temporal busca concentrar esforços na historiografia produzida no decorrer do início do século XXI e, desse modo, identificar a inclinação nos estudos recentes, nessa seara (ADAMI, A. L., 2019).

Sobre as fontes, os sítios dos programas de graduação e pós-graduação forneceram as informações brutas, por possibilitarem a fácil identificação e recolhimento dos artigos completos. Deste modo, através da construção do banco de dados que foram coletados foram desenvolvidos indicadores que comparados e relacionados puderam proporcionar a formação de amplos quadros panorâmicos (RAMOS, M. e CARVALHO, H., 2009). Essa publicidade é essencial para pesquisas que visam compreender os movimentos e avanços que as ciências, em especial as humanidades estão realizando, pois facilitam o acesso às amostras (MENDONÇA, A., 2007).

Durante a etapa de discriminação do objeto, foram identificadas 81 revistas que serviram de fontes para a pesquisa e em sequência, catalogadas 1961 edições que se adequaram ao período determinado. Devido aos quantitativos encontrados, o levantamento utilizou-se de uma metodologia que consistia em alimentar um banco de dados pré-sistematizado (FLOYD, J. e FOWLER, J., 2011; PEGORARO, J., - Inédito).

À vista disso, foi confeccionada uma tabela dividida em categorias com as seguintes informações: o ano de publicação dos artigos; seus autores e autoras; o ano de diplomação dos mesmos na época da publicação de suas pesquisas na revista; o programa de pós- graduação a que estivessem vinculados (se fosse o caso); seus orientadores e orientadoras. Passo que se utilizou tanto dos dados presentes nos artigos quanto disponibilizados na Plataforma Lattes (PEGORARO, J., - Inédito).

Feita a seleção dos artigos, a investigação voltou-se para os referenciais bibliográficos utilizados pelos pesquisadores(as), assim, em cada artigo, selecionou-se as fontes e bibliografias apresentadas, identificando quais eram as referências que deram suporte teórico-metodológico nas pesquisas, os títulos das obras, data de publicação,

gênero e nacionalidade dos referenciais. Método igualmente executado no caso de fontes primárias, com a devida diferenciação de tipologia (PEGORARO, J., - Inédito).

Por fim, os dados subsidiários coletados extra periódicos, permitirão identificar com maior facilidade o caminho percorrido pelo pesquisador e quais são suas premissas na produção historiográfica. Sua importância é evidente, na medida que poder-se-á observar a quais instituições e orientadores estão vinculados seu conhecimento, suas características idiossincráticas enquanto pesquisador, a exemplo de categorias como sexo ou nacionalidade, que interferem direta ou indiretamente na sua escrita enquanto autor (ADAMI, A. L., 2019).

Quadro teórico

A História enquanto disciplina acadêmica ganha dimensão com a institucionalização e aumento do número de cursos de graduação, onze (AVELAR, A., 2018), a partir da década de 1970, em plena ditadura militar (AVELAR, A., 2018; BEINTHIEN, R., 2018).). As revistas científicas brasileiras mais antigas são desse período, sendo que hoje, dos 20 periódicos de História com notas A1 apenas três não são ligados a programas de pós-graduação (BEINTHIEN, R., 2018).

Já na década de 1990 ocorreu um segundo momento de expansão, desta vez sob advento de um Estado democrático. Entretanto, ocorreu um processo mais intenso de “profissionalização da profissão” nas academias, com uma melhor estruturação dos cursos de pós-graduação no ensino superior (BEINTHIEN, R., 2018). Ao mesmo tempo que debates em torno de uma historiografia brasileira desenvolvia-se ainda concentrada no eixo Rio de Janeiro - São Paulo (SANTOS, W. G. dos, 2019). Já as críticas na produção de uma história da historiografia vieram só após a primeira metade da mesma década. (SANTOS, W. G. dos, 2018).

Por fim, é identificado um terceiro e último período de expansão das estruturas institucionais da área. As duas primeiras décadas do século XXI foram marcadas pela profissionalização do historiador e por políticas públicas extensivas de reestruturação,

ampliação e criação de cursos de graduação e pós-graduação, o que produziu um aumento vertiginoso da criação de novos periódicos e publicação de artigos (BEINTHIEN, R., 2018; FICO, C.; WASSERMAN, C.; MAGALHÃES, M. DE S., 2018; SANTOS, W, G. dos, 2018). Como exemplo, foram criados entre 2001 e 2019, 38 dos 61 dos cursos de mestrado, ou seja, 61%, e 24 dos 38 doutorados, 63%, em história existentes até aquele momento (FICO, C.; WASSERMAN, C.; MAGALHÃES, M. DE S., 2018).

É nesse período que autores apontam avanços historiográficos e maior diversidade epistemológica dentro das disciplinas da História (FICO, C.; WASSERMAN, C.; MAGALHÃES, M. DE S., 2018). Ao mesmo tempo ocorreu a popularização da *internet*, periódicos físicos ganharam versões digitais e alguns ganharam versões estritamente virtuais (BEINTHIEN, R., 2018). Logo, o acesso e a circulação ganharam agilidade na medida que o avanço tecnológico aumentou.

Quanto às fontes, os periódicos científicos são uma boa representação das pesquisas que estão sendo desenvolvidas nos departamentos de História em todo Brasil. Pois, a produção de artigos perpassa a produção de trabalhos de conclusão de curso, dissertações de mestrado e teses de doutorado como forma de diálogo entre os campos de conhecimento (DUARTE, R., 2021).

Próprias da academia, as revistas científicas fazem parte do processo de reorganização, padronização e especialização das ciências, correspondendo a um método de divulgação do conhecimento inaugurado na Europa no final do século XIX e início do XX (BORGES, C., 2019; ROCHA, S., 2018). Tornaram-se a base material pela qual o debate entre pares, pesquisadores, sobre temas comuns entre si e diferenciados entre áreas puderam se tornar mais especializados e objetivos (ROCCA, P., 2001; ROCHA, S., 2018).

São ferramentas que concentram poder institucional e intelectual na medida que precisam selecionar e promover discursos (BORGES, C., 2019), ao tempo que sua maioria está subordinada aos programas de pós-graduação (BEINTHIEN, R., 2018). Por outro prisma, são o espaço próprio das contendas e das problemáticas valorizadas no presente (ROCCA, P., 2001).

Nesse sentido, as revistas como fontes são o produto da própria historiografia desenvolvida no país. Um recorte do estado da arte (GLEZER, R., 2021) de duas décadas de artigos sobre História Indígena ao longo da colonização portuguesa na

América. Ou seja, uma tentativa de vislumbrar quais as inquietações e problemáticas que alimentaram pesquisas no período. (SILVEIRA, M. A., 2013).

No que se refere ao artigo científico publicado nos periódicos, é um ótimo representante da produção científica. Pois, possui uma estrutura construída por modelos metodológicos e argumentação defendida através de uma base epistemológica (ARRAIS, C., 2021). O que permite ao leitor identificar quais categorias e linhas de pensamento estão sendo utilizadas. Ou seja, com quem o autor está dialogando, a metodologia utilizada nas pesquisas, quais são suas preferências ideológicas, quais propostas refuta e com quais concorda, entre outros fatores (ROCCA, P., 2001).

Resulta da escrita autoral que submete sua produção a um comitê editorial para se observar o alinhamento a critérios pré-estabelecidos de qualidade. Por fim, sua publicação permite aos demais membros da comunidade científica o acesso e a consequente anuência ou discordância sobre o conteúdo apreciado (ROCCA, P., 2001).

Ainda, a partir das revistas é possível apontar os interesses específicos dos autores, traçar os caminhos das discussões estabelecidas pelas produções e identificar lacunas onde há pouca ou nenhuma elaboração (GIL, T.; BARLETA, L., 2015). A intenção é abrir caminho para novas oportunidades de pesquisa e enriquecimento do campo de estudo. Conquanto, possibilita identificar e estabelecer vínculos assim como, apontar distanciamentos da historiografia com as demais ciências humanas (RESENTE, C. A., 2020).

Observar as referências bibliográficas será essencial para poder estruturar a genealogia do pensamento do autor, suas influências, com quem ele debate, qual sua posição dentro do tema. Ou seja, qual sua trajetória teórico-discursiva traçada a partir de seus pares referenciados. Na prática, trata-se de identificar redes de conhecimento na produção acadêmica. Afinal, a referência é uma certificação de uma bagagem consistente de leitura e estudo necessários para o desenvolvimento do conhecimento com qualidade (MARTELETO, R., 2001).

Discussão dos resultados obtidos

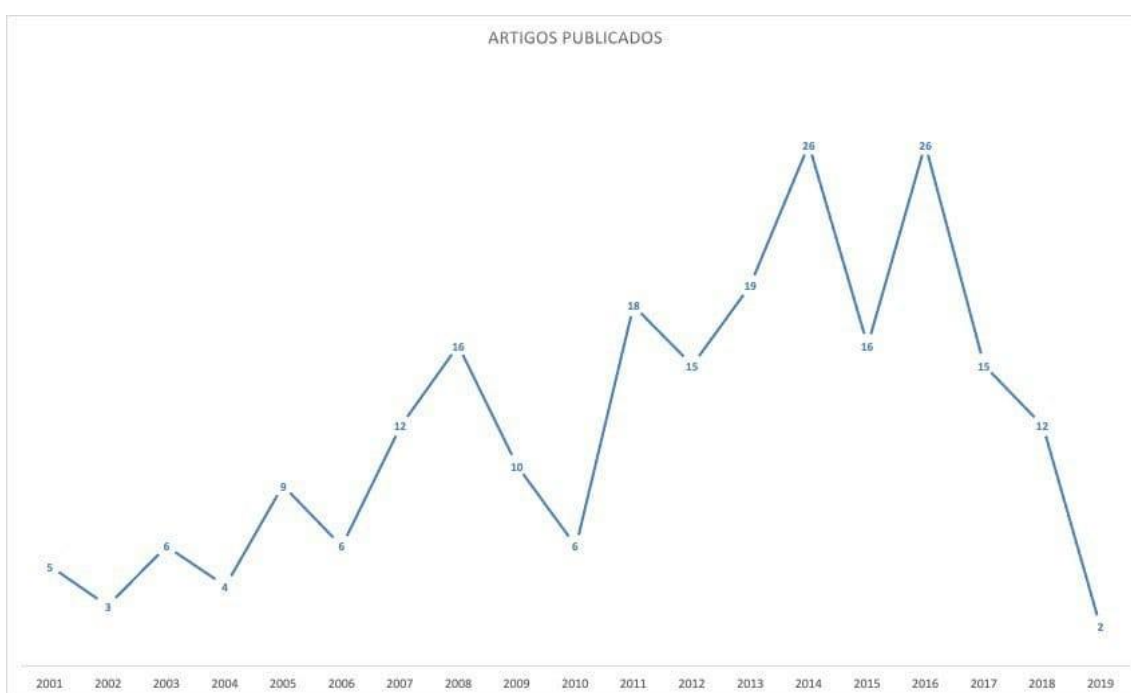
Artigos

Como dito anteriormente, foram encontradas 81 revistas que se adequaram aos critérios pré-estabelecidos e juntas contam com 1961 edições. Quanto à seleção de artigos

que ofereceram subsídio à análise foram identificados 227 publicações, 1,15%, dentro de um universo de 19.875 verificados. Do mesmo modo, foram catalogadas 7.239 referências bibliográficas entre fontes e textos subsidiários utilizados para as argumentações propostas pelos autores.

Dessarte, a primeira reflexão que se propõe trata do fluxo de publicações de artigos voltados para a história ameríndia ao longo dos primeiros 19 anos deste século. A partir dessa análise é possível identificar a representação dos momentos de maior expansão e contração do interesse na temática, assim, como seu espaço dentro das revistas científicas (FICO, C.; WASSERMAN, C.; MAGALHÃES, M. DE S., 2018). Essa discussão sobre o espaço maior ou menor que determinados grupos atingem dentro da historiografia tratada é profícua, a medida que se delinea um quadro quantitativo sobre a historiografia recente, o que abre um leque de oportunidades para análises e debates na área. (VARELLA, F., 2018).

Gráfico 1



Fonte: Elaborado pelo autor.

O gráfico apresentado permite identificar as variações no número de artigos por ano sobre a historiografia ameríndia. Com exceção de 2010 é possível perceber uma tendência de crescimento no volume absoluto de publicações. Entretanto, é importante ponderar que o recorte temporal coincide com o período de aumento do número de periódicos, já abordado. Entretanto a queda verificada nos últimos 3 anos coaduna com

uma possível diminuição do interesse pelo tema do período colonial como um todo. (PEGORARO, J., - Inédito).

Tabela 1 – Publicações científicas nas revistas analisadas

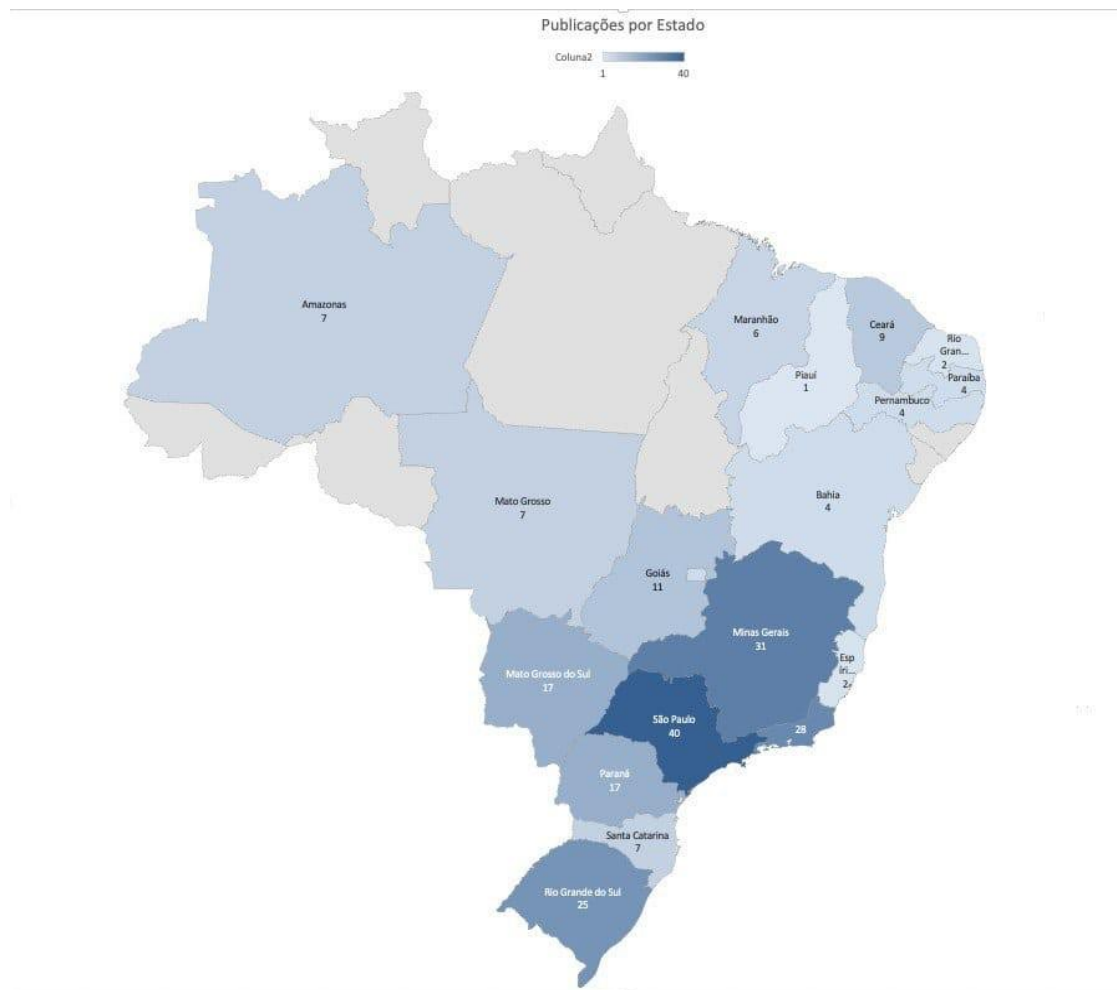
Ano de Publicação	Artigos publicado
2001	5
2002	3
2003	6
2004	4
2005	9
2006	6
2007	12
2008	16
2009	10
2010	6
2011	18
2012	15
2013	19
2014	26
2015	16
2016	26
2017	15
2018	12
2019	2

Fonte: Elaborado pelo autor.

Quando distribuídos em tabela, os dados encontrados permitem duas observações. Primeiro, reafirmam a queda de publicações nos últimos anos, de maneira incoerente com o aumento na frequência de edições das revistas (BEINTHIEN, R., 2018). Em segundo, fica patente a diminuta quantidade global de textos encontrados, 1,15%, que satisfizessem a proposta, de aproximadamente um total de quase 20 mil artigos. Ou seja, a história ameríndia ainda é incipiente, ao menos no período colonial, que para efeito de comparação atingiu proporções que variam em torno de 15% a 20% das publicações para o recorte. (BOSCHI, C. C., 2006; PEGORARO, J., - Inédito).

Sobre a distribuição de artigos por estados, a Região Sudeste é a grande protagonista com mais de 45% das publicações. O que não surpreende na medida que quase a metade dos periódicos existentes e mais da metade das revistas com notas A1, A2 e B1 são editados pela região, 47% e 63% respectivamente (BEINTHIEN, R., 2018).

Mapa 1



Fonte: Elaborado pelo autor.

Por outro lado, quando apresentados em tabela, chama a atenção a ausência de vários estados da Região Norte. Uma vez que concentram a maior parte da população indígena do país³, ao mesmo tempo que a maior parte desses estados possuem ensino superior público, e programas de pós-graduação estruturados.

³ IBGE - Censo Demográfico 1991/2010

Tabela 2 – Produção por Estados

Estados	Artigos publicado
Amazonas	7
Bahia	4
Ceará	9
Distrito Federal	4
Espírito Santo	2
Goiás	11
Maranhão	6
Minas Gerais	31
Mato Grosso do Sul	17
Mato Grosso	7
Paraíba	4
Pernambuco	4
Piauí	1
Paraná	17
Rio de Janeiro	28
Rio Grande do Norte	2
Rio Grande do Sul	25
Santa Catarina	7
São Paulo	40

Fonte: Elaborado pelo autor.

Afinal, o quanto da história indígena na América portuguesa foi ou é escrita por indígenas? Afinal, trata-se da expectativa de se produzir uma historiografiaêmica não está na construção de novas epistemologias e narrativas embasadas na cosmologia ameríndia? (CAVALCANTE, T., 2011).

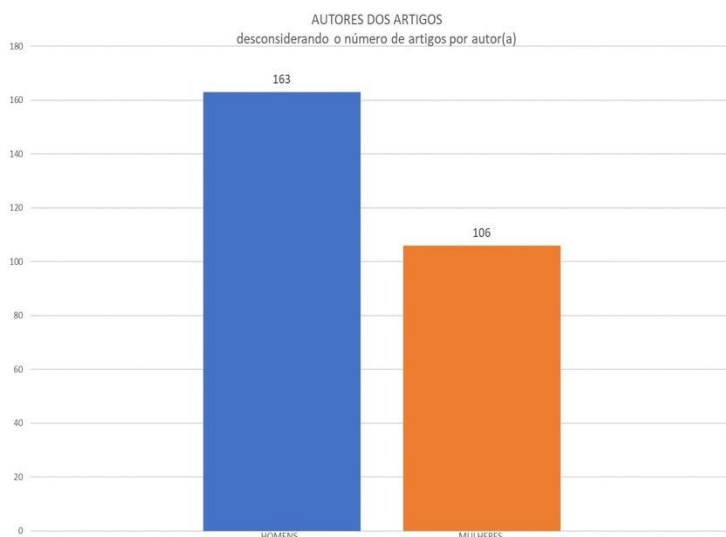
Autores

São 206 autores para os 227 artigos. Considerando que alguns artigos possuem co-autoria, podemos inferir a existência de historiadores especializados em história ameríndia que publicaram recorrentemente seus trabalhos nas revistas estudadas. Por outro lado, nota-se uma quantidade significativa de autores que optaram por publicar na área apenas uma vez.

Selecionou-se assim três estratos de autoria. Primeiro, pesquisadores que possuem publicações recorrentes sobre história ameríndia no período colonial, com uma quantidade maior ou igual a quatro artigos, totalizando 4 historiadores: Mauro Cezar Coelho, Eliane Cristina Deckmann Fleck, Francismar Alex Lopes de Carvalho e Maria Leônia Chaves de Resende. Com uma produção intermediária de 2 a 3 artigos, esse

segundo grupo possui alguma familiaridade com os debates e desafios enfrentados na área, trata-se de 35 pesquisadores. Por último, autores de um único artigo, seja por estarem no processo de reconhecimento da área ou por perderem o interesse, 167 encontram-se nessa situação, o que corresponde a aproximadamente 80%.

Gráfico 2

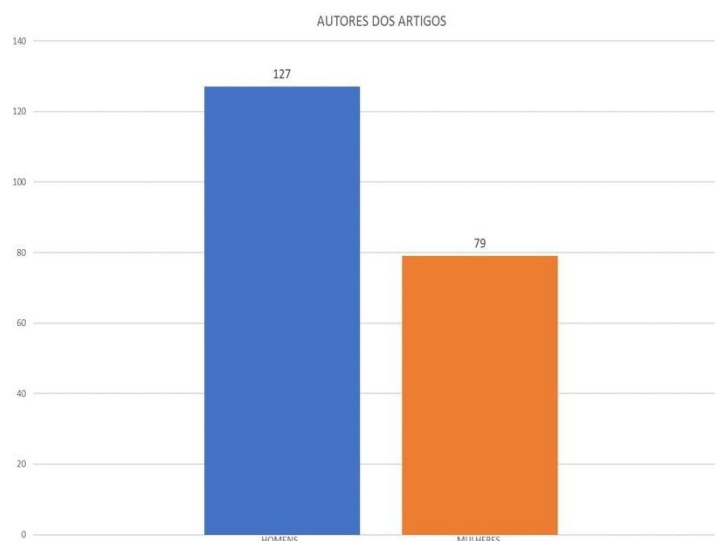


artigos.

Ao separarmos por gênero (masculino e feminino) pode-se realizar duas leituras, que são complementares, mas que observam fenômenos distintos. No gráfico ao lado o gênero está atribuído a cada autor(a), quantas vezes ele(a) possui artigos. Ou seja, qual o número de mulheres e homens envolvidos na confecção dos

Gráfico 3

Já no gráfico 3 eliminou-se as redundâncias, dando atenção ao número absoluto de pesquisadores e pesquisadoras que publicaram sobre história ameríndia, desconsiderando-se a quantidade. Não por acaso proporcionalmente não há grandes discrepâncias entre os dois dados. Na realidade os



números encontrados, aproximadamente 60% homens e 40% mulheres, são compatíveis com a produção sobre América portuguesa como um todo (ADAMI, A. L., 2018; PEGORARO, J., - Inédito; SANTOS, T., 2023).

Tabela 3

Titulação	Porcentagem
Doutores	56,60%
Mestres	22,60%
Graduados	11,60%
Graduando	1,3%
Sem Referência (S/R)	7,9%

Fonte: Elaborado pelo autor.

O grau de formação dos autores também foi examinado à época da publicação. Conseqüentemente, na confecção da tabela foi considerado o nível acadêmico mais elevado que se estivesse concluído, por isto, mestrados foram classificados como graduados e doutorandos como mestres (PEGORARO, J., - Inédito). A exceção foram os artigos publicados por graduandos por estarem no primeiro nível do ensino superior, mas que merece ser distinguidos dos graduados.

A Tabela 3 chama atenção para um fenômeno já debatido. Apesar das revistas auxiliarem os profissionais em formação introduzindo-os à dinâmica acadêmica, elas são a seara por excelência para a exposição de debates, disputas epistêmicas e instrumento de poder institucional e intelectual (BEINTHIEN, R., 2018; BORGES, C., 2018) por doutores e doutoras que representam mais de 50% de suas autorias.

Palavras-chave

A análise das palavras-chave dos artigos mostra-se profícua na medida que fez parte do método de seleção deles. Em suma, uma lista de palavras referentes diretamente ao tema foi o parâmetro de busca no rol de artigos de cada revista (PEGORARO, J., - Inédito). No mesmo sentido, os conceitos terminológicos utilizados nos artigos selecionados podem apontar para escolhas políticas realizadas a partir do arcabouço lexical dos autores em questão (HESPANHA, A., 2018), uma vez que a associação com determinadas correntes ideológicas perpassa o uso de uma linguagem comum.

Figura 1



Fonte: Elaborado pelo autor.

Figura 2



Fonte: Elaborado pelo autor.

Essenciais na indexação de textos, em especial em ambientes virtuais (BEINTHIEN, R., 2018), as palavras-chave trazem à tona os conceitos basilares dos artigos. Deste modo, as figuras acima mostram dois quadros de palavras-

chave que se repetem maior número de vezes nos artigos (PEGORARO, J., - Inédito). A primeira com as 25 mais repetidas e a segunda ampliou-se para as 50 mais.

Não há surpresa na palavra “indígena” e seus sinônimos encontrarem-se em maior evidência, considerando o recorte histórico-temporal proposto. Entretanto, é possível observar uma relação direta entre ameríndios e religião cristã. Essa é uma questão essencial para compreender o mundo colonial e como a cosmologia ameríndia a interpretou. No entanto, a ausência de palavras que lembram o cotidiano, a cultura ou a vida social dos ameríndios aponta para lacunas que ainda foram pouco exploradas e que necessitam de pesquisa e arcabouço teórico.

Referências bibliográficas

A observação das referências bibliográficas é essencial para poder estruturar a genealogia do pensamento do autor, perceber suas influências e o debate historiográfico dentro de suas lógicas, assim como, possibilitam a identificação do posicionamento e das perspectivas deste dentro do tema.

Em primeira análise pode-se inferir algumas conclusões a partir dos dados já encontrados. Quanto ao sexo, 64,5% são homens 22,2% são mulheres, os demais não foram possíveis determinar. Enquanto na produção dos artigos a representatividade feminina chega a 40%, na seleção de referências são citadas três vezes menos que os homens. A questão que se coloca é que mesmo que haja uma historiografia redigida por mulheres, boa parte dos parâmetros epistemológicos vieram de uma tradição dominada por homens.

Uma situação análoga ocorre na origem dos referenciados. A nacionalidade com maior número de citados é a brasileira, 44%, mas é natural considerando o recorte da disciplina tratada (PEGORARO, J., - Inédito). Em seguida, persistem resquícios de uma base teórica-metodológica europeia, 28,75%, com contribuições pulverizadas entre os países da Europa Ocidental. Em contrapartida, apenas 4,06% dos referenciados são autores dos demais países da América do Sul. Ou seja, a historiografia brasileira, em especial a indígena tem os olhos voltados para o Atlântico Norte e as costas para os vizinhos do subcontinente que compartilham similaridades históricas, dentre elas a presença ameríndia.

Conclusão

Sendo assim, a observação das referências bibliográficas é essencial para poder estruturar a genealogia do pensamento do autor. Perceber suas influências e o debate historiográfico dentro das lógicas do pesquisador, além disso, possibilitam a identificação do posicionamento político-ideológico e das perspectivas deste dentro do tema. Uma vez que a escolha de fontes e autores são determinados segundo a pergunta de pesquisa que possibilitou o trabalho historiográfico e uma perspectiva eminentemente indígena exige a construção de novos paradigmas.

Outro aspecto importante a ser analisado comparativamente trata-se do fluxo produtivo global. Pois a partir dessa análise foi possível identificar a representação de momentos de maior expansão e contração do interesse na temática, assim, como seu espaço ainda reduzido dentro das revistas científicas apesar da crescente profusão de trabalhos nos anos analisados.

A questão decorrente da trajetória acadêmica é percebida pois a partir de uma investigação no aprofundamento da área de estudo do pesquisador pode ser perceptível alguns indícios da familiaridade dos autores (VARELLA, F., 2018) e por quais meios entraram em contato com a historiografia ameríndia colonial. Quais referências e linhas teórico-metodológicas são reforçadas e ampliadas e quais são problematizadas, a realidade é que uma função pouco dita é que as referências bibliográficas tem o papel de dinamizarem os ciclos de consagração (BOURDIEU, P., 1983) em torno de autores e programas de pós-graduação.

Por fim, o conteúdo dos artigos e as palavras-chave podem apontar quais temáticas foram abordadas e eventuais oportunidades de pesquisa. Isso se dá no fato de que ao traçar os caminhos das discussões estabelecidas pelas produções é possível se identificar lacunas temáticas onde há pouca ou nenhuma elaboração. Dessa maneira, os atributos levantados podem contribuir com uma discussão profícua sobre o espaço maior ou menor que determinados grupos atingem dentro da historiografia tratada (GIL, T.; BARLETA, L., 2015).

Bibliografia

ADAMI, Ana Lúcia Viana. **Referências teórico-metodológicas dos pesquisadores em História Moderna e Colonial (2001-2018)**. Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Departamento de História da Universidade de Brasília para obtenção do grau de licenciada em História. Universidade de Brasília, Brasília - DF, 2019.

ALBUQUERQUE, Maria Betânia Barbosa. Beberagens Tupinambá e processos educativos no Brasil Colonial. **Educ. rev.** vol.27 no.1 Belo Horizonte Apr. 2011.

ALMEIDA, Maria Regina Celestino de. A atuação dos indígenas na História do Brasil: revisões historiográficas. **Revista Brasileira de História**, vol. 37, nº 75, pp. 17-38, 2017.

ARRAIS, Cristiano Alencar. Causalidade e intencionalidade: uma contribuição ao debate sobre dimensão explicativa da historiografia. **História da Historiografia**, Ouro Preto, v. 14, n. 36, p. 73-103, maio-ago. 2021.

ASSY, Bethania. ROLO, Rafael. A concretização inventiva de si a partir da perspectiva do outro: Notas a uma Antropofilosofia Decolonial em Viveiros de Castro. Artigo: **Rev. Direito Práx.** vol.10 no.4 Rio de Janeiro Oct./Dec. 2019 Epub Nov 25, 2019.

AVELAR, Alexandre Sá. PEREIRA, Mateus H. F. Ethics, present time and memory in Brazilian journals of history, 1981–2014. **HISTOREIN** Vol 17.1 (2018).

BEINTHIEN, Rafael Faraco. **Qualis periódicos na área de História: alguns apontamentos sobre os pressupostos, os resultados e os possíveis efeitos de uma avaliação institucional (2013-2016)**. Observatório da História. Guarulhos, 2018. Disponível em: <<https://histobs.hypotheses.org/614>>

BENTO, A. Como fazer uma revisão da literatura: Considerações teóricas e práticas. **Revista JA (Associação Acadêmica da Universidade da Madeira)**, nº 65, ano VII (pp. 42-44). ISSN: 1647-8975. 2012.

BETHENCOURT, Francisco. Parte III: sociedades coloniais. In: **Racismos: das Cruzadas ao século XX**. São Paulo: Companhia das Letras, 2018. pp. 223-338.

BORGES, Clayton Ferreira e Ferreira. A historiografia francesa do século XIX nas páginas da Revue Historique (1876- 1914). **Revista Trilhas da História**. Três Lagoas, v.8, nº16, jan-jul, p.119-139, 2019.

BOSCHI, Caio C. Espaços de sociabilidade na América Portuguesa e historiografia brasileira contemporânea. **Varia História**, Belo Horizonte, v. 22, n. 36, p. 291-313, jul./dez. 2006.

BOURDIEU, Pierre. Alta costura e alta cultura. In: _____. **Questões de sociologia**. Rio de Janeiro: Marco Zero, 1983. p. 154-161.

CAVALCANTE, Thiago Leandro Vieira. "Etno-história e história indígena: questões sobre conceitos, métodos e relevância da pesquisa." **Rev. História** (São Paulo) 30, no. 1 (2011): 349-371.

CORRÊA, Dora Shellard. Historiadores e cronistas e a paisagem da colônia Brasil. **Rev. Bras. Hist.**, São Paulo, v. 26, n. 51, p. 63-87, June 2006.

CUNHA, Manuela C. da. Imagens de índios do Brasil: o século XVI. **Estudos Avançados**. 1990 Sep; 4(10): 91-110.

_____. **História dos Índios no Brasil: Introdução a uma História Indígena**. São Paulo: Companhia das Letras, 1992, p. 9 - 24.

DE OLIVEIRA, M. da G.; GONTIJO, R.; FRANZINI, F. Ordering time, nationalising the past: temporality, historiography and Brazil's "formation". **Historein**, [S. l.], v. 17, n. 1, 2018.

DUARTE, Regina Horta. Constelações de Histórias. IN: OHARA, João Rodolfo Munhoz & SANTOS, Wagner Geminiano dos (org.). **40 anos de Revista Brasileira de História: a historiografia em revista**. Vitória: Editora Milfontes, 2021.

FICO, C.; POLITO, R. **A História do Brasil (1980 – 1989): elementos para uma avaliação historiográfica**. Ouro Preto: UFOP, 1992.

FICO, C.; WASSERMAN, C.; MAGALHÃES, M. DE S. Expansão e avaliação da área de História - 2010/2016. **História da Historiografia: International Journal of Theory and History of Historiography**, v. 11, n. 28, set-dez, ano 2018.

FLICK, Uwe. **Uma introdução à pesquisa quantitativa**. 2ªEd. Textos. Porto Alegre: Bookman, 2004.

FLOYD, J e FOWLER, J. **Pesquisa de levantamento**. Tr: Rafael Padilha Ferreira. Porto Alegre: Penso, 2011.

FRAGOSO, João & GOUVÊA, Maria de Fátima (org.). **O Brasil colonial: volume 1**. 1ª ed. – Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2014.

GLEZER, Raquel. Caminhos percorridos. IN: OHARA, João Rodolfo Munhoz & SANTOS, Wagner Geminiano dos (org.). **40 anos de Revista Brasileira de História: a historiografia em revista**. Vitória: Editora Milfontes, 2021.

GIL, Tiago Luís; BARLETA, Leonardo. Formas alternativas de visualização de dados na área de História: algumas notas de pesquisa. **Revista de História (São Paulo)**, n. 173, p. 427-455, jul.-dez., 2015.

HEMMING, John. Os Índios do Brasil em 1500. Em: BETHELL, Leslie (org.). **História da América Latina: América Latina Colonial**, volume I. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo; Brasília, DF: Fundação Alexandre de Gusmão, 2004. p. 101-128.

HESPAÑA, António Manuel. *Categorias. História Dos Conceitos, História Das Ideias, História Dos Dogmas Jurídicos*. v. 13 n. 1 (2018): **Revista Cadernos do Programa de Pós-Graduação em Direito/UFRGS**.

Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), Censo Demográfico 1991/2010: <https://indigenas.ibge.gov.br/graficos-e-tabelas-2.html> - acesso no dia 20/07/2023.

MARTELETO, Regina Maria. Análise de redes sociais – aplicação nos estudos de transferência da informação. **Rev. Ciência da Informação**, Brasília, v. 30, n. 1, p. 71-81, jan./abr. 2001.

MENDONÇA, Amanda. **História, Ciências, Saúde – Manguinhos: examining 12 years of regular circulation**. v.14, n.1. 2007.

Ministério da Educação. Univs - Lista de Universidades Federais: <http://portal.mec.gov.br/escola-de-gestores-da-educacao-basica/109-prestacao-de-contas-309308339/prestacao-de-contas-2005-1177343956/87-univs-universidades-federais-sp-281842087> acesso dia 21/07/2023.

OLIVEIRA, João Pacheco de. Os indígenas na fundação da colônia: uma abordagem crítica. Em: FRAGOSO, João; GOUVEIA, Maria de Fátima. **O Brasil colonial : volume I (ca. 1443 - ca. 1580)**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2014. p. 167-228.

OLIVEIRA, Maria da Glória de; GONTIJO, Rebeca. Sobre a história da historiografia brasileira: um breve panorama. **R. IHGB**, Rio de Janeiro, a. 177 (472):13-37, jul./set. 2016.

PEGORARO, Jonas W. **30 anos do período colonial brasileiro na revista Varia História: autores/as, temáticas e referenciais**. - Inédito.

RAMOS, Madalena e CARVALHO, Helena. Quantitative Methods in Higher Education: a typology of representations. **Educação e Pesquisa**, São Paulo, v.35, n.1, p. 015-032, jan./abr. 2009.

RESENTE, Ciro Antônio da Silva. Análise de redes sociais: o método e sua utilização nas Ciências Sociais brasileiras. **Rev. Ciências Sociais Unisinos**, vol. 56, núm. 1, pp. 94-103, 2020.

ROCCA, Pablo. **POR QUE, PARA QUE UMA REVISTA** Sobre sua natureza e sua função no campo cultural latino-americano. (Universidad de la República - Uruguai) Tradução: Doralicia Furtado da Rosa (UFSC) e George Luiz França (Mestrando em Teoria Literária, bolsista do CNPq - UFSC). Brasil e França, em Travancas, 2001.

ROCHA, Sabrina Magalhães. **Os periódicos e a crítica da história: a recepção de Lucien Febvre e Marc Bloch por seus contemporâneos (1911-1942)**. Tese (Doutorado) - Universidade Federal de Ouro Preto. Instituto de Ciências Humanas e Sociais. Departamento de História. Programa de Pós-Graduação em História. 2018.

ROSSI, María José. **Perspectivismo amerindio, canibalismo y metamorfosis en Eduardo Viveiros de Castro y Severo Sarduy: hacia una cosmopolítica de la inmanencia**

neobarroca y latino-americana. Antipod. **Rev. Antropol. Arqueol.** no.38 Bogotá Jan/Mar. 2020

SANTOS, Tailane Fonseca. **A construção de uma “África” que (não) é nossa: artigos científicos a respeito de um problema epistêmico.** Artigo apresentado como requisito parcial para Conclusão de Curso de Licenciatura em História do Departamento de História da Universidade de Brasília. Orientador: Prof. Dr. Jonas Wilson Pegoraro. Brasília – DF, 2023.

SANTOS, Wagner Geminiano dos. A crítica historiográfica no Brasil nos anos 1990 e o espectro do linguistic turn: embates entre “modernos” e “pós-modernos”. **História da Historiografia**, Ouro Preto, v. 12, n. 30, p. 312-343, maio-ago. 2019.

_____. **A INVENÇÃO DA HISTORIOGRAFIA BRASILEIRA PROFISSIONAL, ACADÊMICA: Geografia e memória disciplinar, disputas político-institucionais e debates epistemológicos acerca do saber histórico no Brasil (1980-2012).** Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Federal de Pernambuco, como requisito parcial para a obtenção do título de Doutor em História. 2018.

SILVEIRA, M. A. História e política: a historiografia colonial entre a crítica e a responsabilidade (1989-2010). **Revista de História**, São Paulo, (169), 255-290. 2013.

TELES, Luciano Everton Costa. Um olhar sobre a historiografia africana e afro-brasileira. **Afro-Ásia**, n. 47, p. 243-264, 2012.

VAINFAS, Ronaldo. Moralidades brasílicas: deleites sexuais e linguagem eróticas na sociedade escravista. Em: SOUZA, Laura de Mello e. **História da vida privada no Brasil: cotidiano e vida privada na América portuguesa.** São Paulo: Companhia das Letras, 2007. p. 221-275.

VARELLA, Flávia Florentino. Limites, desafios e perspectivas: a primeira década da revista História da Historiografia (2008-2018). **História da Historiografia: International Journal of Theory and History of Historiography**, v. 11, n. 28, set-dez, ano 2018, p. 219-265.

SCHWARTZ, Stuart B. “Gente da terra braziliense da nasção”. Pensando o Brasil: a construção de um povo. Em: MOTA, Carlos Guilherme (org.). **Viagem Incompleta: a experiência brasileira (1500-2000).** Formação: Histórias. São Paulo: Editora SENAC São Paulo, 2000. p. 103-125.